

CAON, Paulina Maria. Corpo, espaço escolar e ensino de teatro – um diálogo com a pesquisa etnográfica. São Paulo: Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da USP; Doutorado; Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia de Souza Barros Pupo.

RESUMO

Esta reflexão pretende levantar algumas considerações sobre as relações entre corpo, espaço escolar e ensino de teatro, que fazem parte do projeto de pesquisa de doutorado em andamento. Nessas considerações, buscarei apresentar dois aspectos específicos da investigação que são o eixo da reflexão atual da pesquisadora. O primeiro deles diz respeito às representações sobre o corpo e práticas corporais no processo de ensino e aprendizagem do teatro, visando pensar a interface entre a formação do professor de teatro e a experiência dos estudantes da Educação Básica nessa disciplina. Nesse caso, parte-se do pressuposto de que a educação, em qualquer área do conhecimento, se dá na partilha de condutas e práticas, mais do que na transferência de conteúdos efetivada por meio do discurso verbal. Na área de teatro, mais ainda, o processo pedagógico passa pela experiência corporal de educador e educando em diálogo com os conhecimentos específicos da área, com o espaço escolar e a cultura escolar daquele contexto. Assim, a partir do estudo das Teorias do Corpo, da Antropologia Cultural, Antropologia do Corpo e da Experiência, pretende-se refletir sobre os desafios do ensino de teatro no âmbito da rede pública de ensino. O segundo aspecto a ser considerado no texto diz respeito ao próprio ato da pesquisa e à sua dimensão epistemológica. O projeto pretende tecer uma investigação pautada na observação dos mesmos fenômenos, assim como no estabelecimento de diálogos com os educadores que serão acompanhados ao longo da pesquisa. Nesse sentido, a pesquisadora encontrou na Antropologia Cultural e em elementos do método fenomenológico de observação boa ferramenta para construir sua metodologia, visando elaborar uma espécie de etnografia de uma prática docente dentro da escola pública ao final do processo. Tal opção responde à necessidade da mesma em problematizar o lugar da pesquisa e da produção do conhecimento na academia, especialmente quando se coloca em diálogo com a sociedade e seus sujeitos.

Palavras-chave: Corpo. Espaço Escolar. Ensino de Teatro. Etnografia. Fenomenologia.

Primeiras palavras

Ir a campo para estabelecer diálogos diretos com escolas e educadores da área de Teatro e de Artes é o objetivo maior de minha pesquisa. Ele emerge de uma mobilização pessoal, assim como dos questionamentos e da interação que se inicia entre universidade e ambiente escolar nos processos de Estágio Supervisionado dos professores de teatro em formação. A busca de aproximação mais efetiva com o educador da rede pública de Educação Básica me parece fundamental e busca superar alguns problemas já analisados na pesquisa em educação.

[...] é a distância registrada entre a pesquisa em educação e o cumprimento de seu papel, junto às instituições de educação básica. Seja pelo distanciamento do foco que orienta o trabalho do pesquisador universitário, apontado pelo estudo de Carvalho (2004), seja pela precariedade de boa parte das pesquisas, comentada por André e Lüdke (2004). Não apenas em nosso país se lastima esse desencontro entre a pesquisa [universitária] e os problemas da educação básica... (LÜDKE & CRUZ, 2005).

Meu intuito, nesse sentido, não é reafirmar estudos sobre as lacunas ou faltas que existam na formação do educador ou na estrutura escolar, mas voltar-me às experiências mesmas em sua positividade (MERLEAU-PONTY, 1995; MACHADO, 2007 e 2010) — aos corpos, espaços e interações. Essa conduta busca abrir minha observação para a complexidade da realidade observada, visando interpretá-la, inscrevê-la em descrições densas (GEERTZ, 1989), e ainda busca efetivar uma relação entre pesquisador e pesquisado, em que meu papel não seja o de estabelecer um juízo sobre o Outro, mas elaborar uma fala reflexiva em que tal relação esteja implicada.

Especialmente no que tange ao corpo como ponto de partida para pensar a aprendizagem do teatro no ambiente escolar, vale situar a presente reflexão dialogando com David Le Breton, em seu *A Sociologia do Corpo* (2009), que pode explicitar ao leitor a complexidade do campo em que a pesquisa se situa. Do ponto de vista desse autor, vislumbram-se dois grandes eixos ou campos de pesquisa da Sociologia do Corpo: *as lógicas sociais e culturais do corpo*, que centram seus esforços na análise da corporeidade mesma, das técnicas corporais, das percepções sensoriais, das condutas corporais propriamente ditas; o segundo eixo são *os imaginários sociais do corpo*, ou seja, as representações que emergem na sociedade sobre tais experiências e condutas corporais. Como o autor destaca, o estudo do corpo desse ponto de vista *cruza permanentemente outros campos epistemológicos*, afirmando a especificidade e complexidade de seu trabalho. Até o momento, os cruzamentos mais marcantes e presentes em minha investigação são as interfaces entre a educação, a antropologia (do corpo, da experiência, da performance), a estética e as artes.

Corpo, aprendizagem teatral e escola

Mas essa vida e essa linguagem (e esse homem definido ao mesmo tempo como vivente e falante) são corpo e fazem corpo: são modos do corpo. As diferentes modalidades da humanidade são diferentes formas de ser corpo, de fazer corpo. E ninguém sabe o que pode um corpo. Daí que a humilhação e a diminuição do corpo sejam, ao mesmo tempo, humilhação e diminuição da vida, da linguagem (e do homem) (LARROSA)

O foco da pesquisa são os corpos em ação, suas representações e práticas, vividas por professores e estudantes — suas possibilidades criativas na expressão teatral, sua interação e incomunicabilidade na relação professor-estudante, seus lapsos e emergências.

O corpo aponta para dimensões do aprendizado que permanecem subterrâneas ou implícitas em parte da reflexão realizada sobre situações de formação, seja de professores, seja dos estudantes da Educação Básica. Entretanto, toda a experiência do ser humano no mundo está imersa na corporalidade, na *dimensão vivida* das experiências, anterior à reflexão e

significação, ou ainda, pressuposta a elas (DUARTE JR, 1988). Essa dimensão inclui um emaranhado de percepções sensíveis, sensoriais, que tomam forma de metáforas, ações e reações corporais, e apenas parte delas se organiza como pensamento consciente, por exemplo.

Como aponta Enguita (1989), a educação não ocorre apenas pelo fluxo de informações trocado explicitamente entre educador e educando, mas pelas e nas interações sociais e corporais (incluo) que se estabelecem entre eles, assim como pela *modelagem* de práticas corporais, espaciais e temporais. Então, essa dimensão encarnada (*embodied*) da educação toma lugar de especial relevância para minha análise.

Se esses aprendizados corporais, nem sempre assimilados na esfera da consciência racional, segundo Enguita, podem ser espaço de controle, eles também podem, no caso da experiência estética e teatral, ser um espaço de liberdade, de assunção de sua própria história e prática pelo sujeito. A natureza dos conhecimentos experimentados e elaborados por meio das linguagens artísticas e, especificamente, do teatro, passa pela corporalidade e pela metáfora. São formas complexas de conhecimento, de difícil apreensão pela via do saber estritamente “científico” e, por isso, acredito, ainda pouco exploradas nas análises sobre as situações escolares de ensino do teatro especialmente¹.

A instituição escolar, constitucionalmente voltada à taxonomia, aos conhecimentos classificatórios, parece privilegiar um *saber científico* – para usar uma definição de Lyotard – que se vincula essencialmente a uma linguagem denotativa, pela qual é possível uma única relação unívoca entre significante e significado. Quando se trata da educação estética, encontramos-nos mais na esfera do saber narrativo, que recorre a uma linguagem conotativa, caracterizada pela ambiguidade e interpretabilidade dos significados (GAGLIARDI, 1998, p. 69).

Portanto, a interação entre a instituição escolar e o ensino do teatro parece manifestar um encontro tenso em que diferentes compreensões do aprendizado enraizado no corpo se friccionam gerando resultantes educacionais, sociais, institucionais não lineares e nem sempre amistosas.

Por seu lado, a riqueza do fazer teatral está exatamente nas relações concretas e estéticas que são elaboradas entre corpo-espaco, corpo-corpo no aqui-e-agora do jogo, assim como a indissociabilidade entre essa experiência e o amadurecimento do próprio ser humano na relação consigo e com a linguagem do teatro (MALU, 2001).

A questão da produção de conhecimento acadêmico

Desde a pesquisa do mestrado (CAON, 2009), descobri na antropologia cultural um campo de importante interface com a análise da experiência

¹ Talvez, inclusive, pela história ainda recente da pós-graduação em artes cênicas nas universidades brasileiras. Na área de artes visuais é possível localizar mais publicações brasileiras que mergulham nos meandros corporais (sensíveis, cognitivos, intelectuais) do seu ensino, aprendizagem e processo criativo. Refiro-me aqui às obras de Moreira (1997), Derdyk (1994), Gianotti (s/d), por exemplo.

estética, artística e corporal. Na acepção de Geertz (1989, 1998), os *textos culturais* de certo grupo estudado não existem para serem lidos como códigos a serem traduzidos, mas como *fluxo de ações simbólicas* que exigem do estudioso um esforço de *interpretação*, leitura que implica autoria. A natureza dessa espécie de matéria-prima da cultura (o fluxo das *ações simbólicas*) é o primeiro ponto que me interessa como forma de abordagem da realidade que pretendo observar: não é apenas o discurso verbal ou escrito que delimita o campo de significações que o ser humano produz sobre suas experiências, mas suas ações em si, seus movimentos, expressões, interações que constituem e formulam tais significações. Por isso, a observação *in loco* da interação entre os corpos na escola, entre estes e o espaço é tão fundamental na presente pesquisa.

Apresenta-se então um desafio na observação desse vasto fluxo de ações. Faz-se necessário o recorte de elementos de observação para que observador e observado não sejam submersos pela corrente da experiência que os abrange, isso por ambos estarem participando da mesma realidade, do mesmo processo. Nesse sentido, o método fenomenológico de análise — compreensivo e descritivo —, como apresentado por Merleau-Ponty (2006), se articula à perspectiva etnográfica assumida e acrescenta alguns parâmetros para minha conduta.

A novidade desse método consiste no fato de ele estabelecer que o saber efetivo não é apenas o saber mensurável, mas também a descrição qualitativa. Esse saber qualitativo não é subjetivo, é intersubjetivo...

É esse método que adotaremos para estudar a linguagem. Estudar os fatos, não para verificar uma hipótese, que os transcende, mas para dar um sentido interior a esses fatos mesmos. Só importarão o rigor com que abarcaremos a totalidade e os detalhes de certos fatos.

É o método admiravelmente empregado por K. Goldstein no estudo da afasia e da agnosia. Em vez de estudar o mesmo sintoma em muitos sujeitos, atém-se à análise completa de um único, esforçando-se por explorar todos os setores do comportamento. É um método de compreensão, não menos rigoroso que o outro, pois, se a indução busca a multiplicidades dos fatos, o método de Goldstein explora a fundo e penetra um único caso (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 16).

Minha busca, portanto, é a elaboração de uma descrição densa, em diálogo com Geertz (1989) e Merleau-Ponty (2006), em que o rigor também é resultante da “*proximidade*” da descrição, ou seja, mais de um imbricamento entre minha voz e a realidade observada, do que da utilização de textos e autores como “comprovação” de argumentos. É nesse ponto que a pesquisadora e os saberes elaborados na pesquisa se colocam em reflexão sobre a natureza da produção de conhecimento na universidade.

No processo de repensar o estatuto desse conhecimento produzido academicamente, parece-me que sua relevância está mais na potência dialógica, reflexiva e política que a tessitura entre vozes (de autores, atores das realidades observadas e pesquisadora) pode suscitar, do que na afirmação de possíveis verdades “científicas” ou teóricas de autoria de um pesquisador ou instituição individualmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, Marli Eliza. **A Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1996.
- CAON, Paulina Maria. **Construir Corpos, Tecer Histórias** – educação e cultura corporal em duas comunidades paulistas. Dissertação de Mestrado apresentada ao Depto. de Artes Cênicas da ECA-USP, SP: 2009.
- DERDYK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho**. SP: Ed. Scipione, 1994. Cap. 3: O Desenho das Crianças, pp. 49-141.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação**. Campinas-SP: Papirus, 1988.
- ENQUITA, Mariano Fernández. **A Face Oculta da Escola** – educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FREIRE, Madalena; MELLO, Sílvia Leser. **Relatos da Convivência: crianças e mulheres da Vila Helena**, in: Cadernos de Pesquisa de São Paulo, n. 56, 1986.
- GAGLIARDI, Mafra. O teatro, a escola e o jovem espectador. In: Comunicação e Educação. SP, n. 13, 1998, pp. 67-72.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. RJ: Editora LTC, 1989.
- GIANOTTI, Sirlene. Arte e Experiência – percursos criativos de crianças na arte cerâmica. In: **Projeto Brincar**. SP, s/d, pp. 62-73.
- LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. RJ: Ed. Vozes, 2006.
- LÜDKE, Menga; CRUZ, Gisele Barreto da. “Aproximando Universidade e escola de Educação Básica pela Pesquisa”. **Cadernos de Pesquisa**. (Rio de Janeiro), vol. 35, n. 125, mai/ago 2005, pp. 81-109.
- MACHADO, Marina Marcondes. **Merleau-Ponty & a Educação**. BH: Autêntica Editora, 2010.
- _____. **A Flor da Vida / Sementeira para a fenomenologia da pequena infância**. Tese de doutorado apresentada na PUC, São Paulo, 2007.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Psicologia e Pedagogia da Criança**. SP: Martins Fontes, 2006.
- MOREIRA, Ana Angélica A. **O Espaço do Desenho: a educação do educador**. RJ: Edições Loyola, 1997.
- PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. **O lúdico e a construção do sentido**. Sala Preta. (São Paulo) Depto. de Artes Cênicas, ECA-USP, jun. 2001, pp. 181-187.